

# A IMIGRAÇÃO ÁRABE NO BRASIL

Samira Adel Osman\*

**A** imigração árabe para o Brasil se insere no contexto imigratório que se estabeleceu para o país e para a América, a partir de projetos governamentais próprios que incentivaram, facilitaram e franquearam a entrada de imigrantes com o intuito de atrair os europeus, sobretudo os alemães e italianos.

Foi a partir da política imigratória brasileira que se deu a vinda também de imigrantes de outras nacionalidades, entre eles os de origem árabe, que encontrando as facilidades necessárias para a entrada, instalação e sobrevivência, passaram a se dirigir para cá em grandes levas, atraídos pelas condições oferecidas pelo país e incentivados pelos já estabelecidos, que se tornavam pontos de atração para os recém-chegados.

A vinda de imigrantes deu-se por dois fatores principais: os conflitos religiosos e étnicos na região de origem e as condições sócio-econômicas inferiores. Vinham tanto para escapar das perseguições e dos conflitos, como para melhorar a situação econômica, a própria e ainda dos familiares que lá permaneceram.

Podemos observar no processo imigratório duas distintas etapas de fluxo, que foram ocasionadas por diferentes fatores e envolveram em cada etapa dois gru-

pos religiosos: os cristãos, no período entre 1860 e 1938, e os muçulmanos, no período entre 1945 e 1985 (continuando em menor proporção e relevo, e com características específicas, pelos anos 90).

Se são poucos os estudos que têm se dedicado à temática da imigração para o Brasil, sobretudo para os grupos considerados de menor vulto, tanto em termos de quantidade quanto em sua influência social, cultural e econômica no país de inserção, muito menos tem se feito em relação ao estudo da imigração enquanto um projeto de rearticulação das estruturas familiares trazidas pelos imigrantes para a nova pátria, do ponto de vista as gerações, no aspecto da manutenção ou da criação de novos padrões de vida.

As questões por mim levantadas<sup>1</sup> em relação à vinda de imigrantes árabes concentram-se na discussão sobre o processo de integração, interação e assimilação desses imigrantes em relação à sociedade brasileira que pareciam ter atingido proporções diferentes, facilitadas ou dificultadas pela questão religiosa, na qual se dividiu esse grupo: cristãos e muçulmanos.

## ASSIMILAÇÃO E INTEGRAÇÃO CULTURAL

A problemática da assimilação e

integração cultural do imigrante esteve em pauta, como nos ressalta Fausto (1991), nas discussões mantidas pela Antropologia e pela Sociologia durante as décadas de 40 e 50.

A preocupação nesses debates estava centrada na avaliação da qualidade ou da impropriedade das diferentes nacionalidades imigrantes no processo de integração à sociedade de inserção, avaliando-se as características culturais que poderiam desaparecer ou se transformar ao longo do contato com a nova sociedade. O que era defendido por esses estudiosos era uma tendência unívoca para a assimilação, mesmo que com dificuldades para alcançá-la.

No entanto, uma revisão historiográfica (Seyferth, 1988) e uma nova abordagem sobre o tema levam à necessidade de se trabalhar com a "noção de 'etnicidade' que permite apreender o significado de pertencer a um grupo étnico sem excluir as transformações decorrentes do processo de assimilação e integração do grupo imigrante" (Fausto, 1991, p.37).

A partir desse conceito de "etnicidade" pode-se trabalhar com a possibilidade de criação de uma ideologia étnica dos grupos imigratórios, através do contato interno desses grupos e em relação aos elementos nacionais, contribuindo também a imigração para a composição do conceito de pluralismo cultural no país.

O conceito de pluralismo cultural não significa atribuir um papel aglutinador ao elemento nacional, ao redor do qual girariam os elementos estrangeiros, mas sim compreender a forma pela qual se dão os inter-relacionamentos entre os diferentes grupos estrangeiros e o grupo nacional.

Fausto também nos aponta um caminho para a avaliação da formação dessa "etnicidade": problematizar questões como casamento, existência de associações recreativas ou de auxílio, formas de participação política, inserção profissional e uso da língua de grupos imigrantes, fundamentais para esse tipo de estudo.

Mas, principalmente, ressalta o ponto fundamental para a compreensão da integração do imigrante ao meio nacional: ela só se concretiza ao longo das gerações. Portanto, os estudos sobre o tema da imigração que pretendem enveredar por esse caminho devem privilegiar sobretudo esse aspecto geracional, pois é através dele que se torna possível uma avaliação dessa natureza.

Em nossa pesquisa, o estudo das gerações foi privilegiado desde o início da composição de nossas redes<sup>2</sup>, mas a ampliação para a temática familiar foi uma questão até então pouco considerada. Estudar o imigrante e seus descendentes enquanto família nos pareceu a melhor forma de avaliar o grau de integração pretendido e/ou atingido pelos imigrantes árabes no Brasil.

Avaliar quais eram os projetos trazidos pela primeira geração, como se concretizaram em relação à segunda geração, o que era possível manter em termos culturais e o que poderia ser substituído ou modificado nos parecia um caminho viável para essa análise.

Mais uma vez um outro trabalho de Fausto (1997) nos pareceu um contraponto importante para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Analisando a imigração judaica enquanto um processo familiar, partindo da sua própria experiência, o autor coloca em questão os modelos de relações familiares e a transmissão de conhecimentos e valores, e mesmo de seu bloqueio, de uma geração para outra.

Esse parece ser um caminho bastante pertinente para se avaliar o quanto se perde e o quanto se recria na passagem de um

período para outro mas, sobretudo, ao longo das gerações, ou como prefere Fausto, na longa duração das gerações.

### **GERAÇÕES DE IMIGRANTES: O PESO DE UMA DUPLA IDENTIDADE**

Com esse ponto de partida, nos debruçamos sobre nossas entrevistas procurando levar em conta tais aspectos, e ainda enfocar e compreender os mitos, os projetos e as vocações transmitidos do imigrante aos seus descendentes como meio de identificação interna e como uma forma de resistência ao papel integrador da sociedade que hospeda.

Um ponto observado refere-se à percepção que os elementos nacionais têm em relação ao grupo. Preconceitos, termos pejorativos, incompreensão do modo de vida desse grupo, a própria tendência do afastamento desses imigrantes e seus descendentes, foram aspectos que dificultavam a convivência diária como também levavam a um isolamento e uma tentativa de camuflagem acerca de elementos identificadores dessa origem:

*"O que incomodava também bastante era o fato de todo mundo nos chamar de 'Turca' (...) Não sei bem porque, mas aquilo me incomodava muito pois, segundo eu imaginava, tinha um tom pejorativo e, de certo modo, preconceituoso, como se nós fôssemos pessoas estranhas, diferentes, exóticas ou qualquer coisa do tipo..."*  
**Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração)**

Afora as questões de preconceito da sociedade em relação ao imigrante e seus descendentes, o que transpareceu como tendência também presente nesses relatos foi um certo orgulho dessa origem. O valor atribuído pelos filhos de imigrantes à sua descendência e o peso que ela teve ao longo das fases de suas vidas, foram ressaltados em relação ao outro, ou seja, ao elemento nacional.

Um depoimento nos mostra como a descendência árabe teve um peso negativo e outro como a mesma descendência teve um peso positivo:

*"... eu continuava sentindo um certo constrangimento em dizer que era filha de*

*árabes... Não digo vergonha, que é uma palavra muito forte, mas era algo que incomodava muito, que me sentia fazer sentir diferente e inferior aos demais..."*  
**Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração)**

*"Eu nunca tive vergonha de ser filha de árabe e fazia questão de falar isso para as pessoas... Quando eu sentia que havia um interesse, que as pessoas gostavam de saber, ficavam admiradas, eu gostava mais ainda de ser quem eu era..."*  
**Salua Mohamad Abou Jokh (Rede I - 2ª Geração)**

O fechamento do grupo em si mesmo levava os filhos de imigrantes a se sentirem diferentes em relação ao outro, por ter recebido uma educação peculiar, que poderia colocá-los em vantagem em relação aos demais (peso positivo da origem) ou por não poderem compartilhar do modo de vida do outro, fazendo com que a origem fosse sentida como um elemento distanciador (peso negativo da origem).

Houve também uma necessidade de identificação e de reafirmação das raízes culturais, das quais descendem esses filhos de imigrantes, no sentido de considerar isso um privilégio, à medida que se colocavam como herdeiros de um povo sofrido, batalhador e vencedor e se avaliavam como depositários dessa cultura trazida pelos pais.

Para os descendentes, sua origem levava a um diferenciador em relação aos outros membros da sociedade brasileira, uma vez que foram educados em famílias de origem cultural diferente o que se refletia no forjamento de uma forma de educação também diferenciada.

De outro lado, destaca-se um certo caráter valorativo dessa educação em termos de se ressaltar atitudes e comportamentos identificadores desse grupo no novo país, tais como a seriedade, a honestidade, a honra, a responsabilidade, a dedicação ao trabalho e à família:

*"A educação árabe está baseada na coragem que os pais têm de colocar responsabilidade sobre os filhos desde cedo, viu? Sem contar a rigidiz e a seriedade com que éramos criados... Nossa! Era uma linha dura que não dá para acreditar..."*  
**Mohamad Nassib Saleh Kadri (Rede I - 2ª Geração)**

O que fica claro nesse relato é a forma como esse grupo se vê em relação ao outro (o nacional) a partir de uma origem e educação diferenciadas que levaram à formação de uma personalidade baseada em aspectos considerados típicos desses imigrantes.

Se os imigrantes árabes foram avaliados como trabalhadores, empreendedores, desbravadores, por si próprios ou por elementos externos a essa comunidade, isso foi um ponto bastante reforçado nessa transmissão cultural de geração para geração, numa forma de criar um qualificativo para esse grupo. Portanto, a capacidade empreendedora dos imigrantes encontra a sua consolidação nos filhos, depositários dessa formação cultural.

Partindo desse ponto, podemos avaliar a questão do estudo, formação profissional e trabalho desses descendentes, a partir do valor atribuído a eles, ao incentivo dado para se trilhar uma carreira, as possibilidades e responsabilidades apontadas para homens e mulheres, as opções feitas ou mesmo a falta delas.

Nessa questão, talvez o grande demarcador para as possibilidades de uma análise esteja na diferenciação de perspectivas para homens e mulheres; é a partir daí que procederemos nossa análise.

Aos homens, a responsabilidade do trabalho e do sustento da família foi atribuída desde cedo, enquanto provedores das necessidades familiares. Os filhos mais velhos, conjuntamente com o pai, assumiram essa tarefa como continuidade da tradição familiar árabe, cabendo a ambos todo o sacrifício para oferecer o melhor à família:

*"Acabei assumindo os negócios sozinho (...) Eu tive que parar de estudar no primeiro colegial, porque não havia outra opção: ou alguém se sacrificava para garantir o estudo de todos ou todos ficaríamos limitados ao trabalho unicamente."* **Mohamad Nassib Saleh Kadri (Rede I - 2ª Geração)**

Aos filhos passavam-se tarefas, responsabilidades e mesmo a proeza, o heroísmo e o sacrifício, reeditando-se o risco e a aventura, as histórias de esforço desmedido e o sofrimento como valores inerentes ao imigrante e seus descendentes, e os resultados positivos do trabalho como

compensadores de tantos esforços:

*"Apesar de tudo foram momentos gostosos, de dureza, de sofrimento, inesquecíveis mesmo... Só eu e meu tio sabemos do perigo e do sofrimento pelo qual passamos... Muitas vezes não parávamos nem para almoçar, porque não tínhamos o que comer... No caminhão, comíamos pão seco! Essa era a refeição de um dia inteiro de trabalho..."* **Mohamad Nassib Sleh Kadri (Rede I - 2ª Geração)**

As atividades econômicas praticadas também acabavam sendo as mesmas praticadas por pais ou responsáveis, assumindo-se a continuidade dos negócios familiares e trilhando o mesmo caminho que levasse à sua consolidação através do pequeno comércio:

*"Passados uns anos, meus irmãos Georges e Miguel resolveram abrir uma torrefação de café e eu fui trabalhar com eles, deixando por um tempo de ser mascate... A torrefação também ficava na Pehna, onde nós comprávamos o grão, torrávamos, ensacávamos e vendíamos..."* **Mansur Hanna Khamis (Rede II - 2ª Geração)**

Aos filhos também houve grande incentivo ao estudo, como forma de ascensão social, econômica e profissional, privilegiando-se as carreiras de Medicina, Direito e Engenharia, conforme as perspectivas da primeira geração:

*"Do meu lado, felizmente, sempre houve um incentivo muito grande para os estudos e para uma carreira profissional... A minha mãe fez questão de mostrar que o único caminho possível para uma vida melhor que ela poderia nos oferecer seria através dos estudos."* **Fábio Nader Azar (Rede II - 2ª Geração)**

Por outro lado, quais eram as perspectivas e as expectativas em relação às mulheres? Qual foi o incentivo dado ao estudo e ao trabalho para as filhas de imigrantes? Que participação tiveram nos negócios familiares?

Nesse caso, as expectativas em relação às filhas diferenciavam-se muito das atribuídas aos filhos. Primeiramente, não tinham responsabilidade direta sobre o sustento familiar, antes deveriam ser sustentadas pelo pai e irmãos e, mais tarde, pelo marido. Dessa forma, nem participavam dos negócios, ou se o faziam era de forma

eventual e dispensável, nem eram incentivadas para o estudo enquanto caminho para uma carreira profissional:

*"... eles nunca permitiram que eu trabalhasse, nem exercendo minha profissão de contadora... Para os meus pais, e para todos os árabes que conviviam conosco, era um absurdo que uma mulher trabalhasse fora, tendo o pai ou o marido para sustentá-la..."*

*O único trabalho que a mulher podia exercer era ligado à atividade do marido, ajudando em seu negócio..."* **Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração)**

Romper essas barreiras, superar os limites, despespear regras e imposições eram consideradas medidas ousadas para atingir a meta do trabalho e da formação profissional, gerando crise e problemas familiares, que por sua vez levavam à acomodação à estrutura imposta:

*"... eu fiz um curso de estenografia e datilografia, que me permitiram arrumar um emprego numa empresa chamada Cestas Amaral... Quarenta dias eu trabalhei, quarenta dias meu pai ficou sem falar com a minha mãe!*

*Ele não admitia em hipótese alguma, que a sua filha saísse de casa para trabalhar... Era uma grande desonra para um chefe de família que as mulheres trabalhassem, ganhassem seu próprio dinheiro e adquirissem certa independência..."* **Nazha Mouaikel Camis (Rede II - 2ª Geração)**

Do ponto de vista da formação educacional, os horizontes não eram mais amplos. Primeiramente havia apenas a preocupação de se oferecer um ensino básico sem perspectivas de carreira profissional, uma vez que o papel a ser desempenhado por essas futuras esposas deveria estar restrito ao lar. Quando havia o incentivo a uma carreira e ao trabalho este deveria estar limitado às consideradas adequadas àquelas mulheres:

*"Eu cursei corte e costura, mas para falar a verdade eu detestei o curso... Foi a minha mãe quem insistiu para que eu seguisse essa área, porque na cabeça dela eu deveria ser 'madame'... Naquele tempo 'madame' eram as donas de atelier de alta costura, considerada como uma profissão muito chique, adequada para mulheres..."* **Nazha Mouaikel Camis (Rede II - 2ª Geração)**

Esses cursos não eram um incentivo ao trabalho, mas apenas uma forma de ocupação e de conhecimento na área considerada adequada às mulheres e uma possibilidade sempre presente de sustento no caso de dificuldades econômicas, como um complemento ao orçamento doméstico:

*"... eu fiz muitos cursos: de fazer chocolate, de arranjo de flores, de pintura em tecido, de frutas em cera, de corte e costura, de chinelo em crochet... de tudo! Onde tinha um curso, a minha tia Lisa - a minha sogra - ia lá e fazia minha inscrição..."* **Jamile Mustafa Kadri (Rede I - 2ª Geração)**

Quando ocorria uma certa abertura para a continuidade dos estudos e o desempenho de uma carreira profissional, a vontade dos pais acabava por se impor sobre essas escolhas. Os pais opinavam sobre a profissão mais adequada do ponto de vista do que poderia ser exercido pelas mulheres, como o Magistério que adequava carreira e responsabilidades domésticas, ou as que pudessem ser exercidas por todos os filhos (homens ou mulheres) de árabes, como as profissões liberais que lhes possibilitavam ser o próprio patrão:

*"Eu queria estudar Direito, pois sempre me dei melhor na área de Humanas... O meu pai não concordou com essa minha opção e tudo fez para que eu mudasse de opinião..."*

*Como eu não tinha opção, para satisfazer a vontade dele e poder continuar estudando, prestei o vestibular de Odontologia, mesmo não gostando dessa área..."* **Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração)**

Apesar de tantas restrições e limites impostos, uma certa adequação às expectativas das filhas ocorriam, havendo as que conseguiam burlar tanta imposição e trilhar uma carreira. A conquista desses espaços é encarada como uma mudança de atitude de geração em geração e de irmãos para irmãos, abrindo-se maiores possibilidades para as filhas mais jovens que vão se aproveitando de espaços conquistados pelas filhas mais velhas. De qualquer forma, é o esforço pessoal de cada uma delas que é valorizado nessa conquista de espaço, disputado palmo a palmo:

*"Na verdade, as meninas da nossa comunidade não são incentivadas para o estudo; as que se formam é porque fizeram*

*disso um projeto pessoal e tiveram que lutar muito para concretizá-lo."* **Lamia Mustapha Rajab (Rede I - 2ª Geração)**

De outro lado, avalia-se que a educação árabe se caracterizou não só pela transmissão de atitudes e normas de comportamento típicos dessa nacionalidade, como também na necessidade de manutenção de traços culturais trazidos pelos imigrantes:

*"Essa educação árabe consistia em quê? Na rigidez dos costumes, nos privilégios do homem, em uma série de proibições em relação à mulher, na preservação da língua árabe dentro de casa, na manutenção dos hábitos e tradições tanto culturais como religiosos..."* **Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração)**

Manutenção da cultura, costumes, língua, religião, história, casamento, formas de lazer e diversão, contato com o país de origem são os aspectos apontados como traços típicos da formação da segunda geração, mas interessa-nos saber que grau atingiram, como influenciaram as relações com o grupo nacional, como dificultaram a integração desses elementos e qual a importância dada pelos filhos de imigrantes a essa problemática.

A questão da preservação e uso da língua árabe foi um ponto bastante ressaltado pelos entrevistados. Falar essa língua dentro de casa como sendo a principal, as dificuldades encontradas na relação linguística entre o árabe e o português, o privilégio de se falar uma língua diferente foram aspectos apontados:

*"Eu aprendi a falar e a pensar nessa língua [o árabe]; o português eu só fui aprender quando tinha uns cinco anos e entrei na pré-escola..."*

*Para mim foi muito importante essa aprendizagem na infância, pois a base que eu tive me permite até hoje ter o domínio da língua..."* **Fábio Nader Azar (Rede II - 2ª Geração)**

Ao mesmo tempo, reconhecia-se que a integração e o contato com o grupo nacional através da vizinhança e amigos, mas sobretudo pela escola, levavam à necessidade de adequar o uso dessa língua como forma de se adaptar ao novo meio. À medida que cresciam, o uso da língua foi sendo abandonado sistematicamente, sobretudo quando ocorria um certo afrouxamento dos pais nessa exigência, o que também

dependia do grau de contato mantido com outros elementos dessa nacionalidade:

*"... Hoje eu já não sei nem ler nem escrever em árabe, mas consigo falar e entender um pouco, porque perdi muito da fluência..."*

*Realmente é muito difícil querer manter a língua totalmente e isso pode até mesmo atrapalhar a convivência e a adaptação com outras pessoas..."* **Nazha Mouiakel Camis (Rede II - 2ª Geração)**

A prática religiosa, muçulmana ou ortodoxa, dos entrevistados foi outro ponto analisado. Preocupou-nos verificar a importância que essa formação religiosa teve para os descendentes, em que aspectos houve maior rigidez ou maior adequação desses rituais e quais são as práticas seguidas ou não por esses descendentes.

Quanto a esse aspecto podemos dividi-lo em duas tendências e duas atitudes. No caso dos cristãos ocorreu uma tendência de adaptação à religião do novo país, uma vez que a origem cristã em comum favorecia essa aproximação. Embora houvesse uma preocupação em garantir uma formação religiosa de base ortodoxa, também foi uma alternativa viável batizar os filhos no ritual católico e frequentar essa Igreja:

*"Na questão da formação religiosa, meus pais nos deram a formação básica, mais como princípio de vida. Embora eles fossem cristãos ortodoxos, eu e meu irmão fomos batizados na Igreja Católica mesmo..."* **Fábio Nader Azar (Rede II - 2ª Geração)**

Portanto, o aspecto ressaltado é o da adaptação da religião, encarada como uma possibilidade de aproximação e não de afastamento da sociedade. E, uma vez que já na primeira geração ocorreu essa flexibilidade, na segunda geração ela foi ainda mais ressaltada, seja em nível pessoal, seja para as perspectivas apontadas para a terceira geração:

*"...eu tive formação ortodoxa por parte da família, me adaptei ao catolicismo por conveniência e abracei o espiritismo kardecista por opção..."* **Nazha Mouiakel Camis (Rede II - 2ª Geração)**

Do ponto de vista dos descendentes de muçulmanos, podemos verificar um afrouxamento das obrigações religiosas, que nem sempre são praticadas, mas uma gran

de preocupação em se ressaltar a base religiosa diferenciadora do país em que se vive:

*"A minha formação religiosa eu não digo que foi tão radical, pois eu aprendi os princípios básicos... Claro que as restrições religiosas existem, como não consumir bebidas alcoólicas e nem comer carne de porco..."*

*... Mas nunca tive que andar com a cabeça coberta ou usar roupas que me cobrissem inteira..."* **Lamia Mustapha Rajab (Rede I - 2ª Geração)**

A prática religiosa tornou-se adaptável ao novo país, não havendo uma rigidez tão grande nessa orientação, mas não havia a possibilidade do abandono dessa base religiosa e a opção de se adequar a uma outra mais viável do ponto de vista de adaptação.

Mesmo não se praticando a religião da mesma forma que os pais, os descendentes se reconhecem como parte dessa comunidade religiosa e se sentem responsabilizados por sua continuidade e transmissão à próxima geração:

*"O que acaba acontecendo é que nós nos dizemos muçulmanos em palavras e fazemos muito pouco em ações para reafirmar isso. É uma falha muito grande de nossa parte que eu reconheço que deve ser corrigida o quanto antes... Eu adio, adio, mas acho que chega uma hora que você acaba sentindo a necessidade de levar a religião a sério, principalmente quando se tem filhos para criar..."* **Mohamad Nassib Saleh Kadri (Rede I - 2ª Geração)**

Muitas vezes, a religião muçulmana foi apontada como o ponto diferenciador em relação ao grupo nacional, seja em termos de restrição à convivência, seja em termos de restrição ao casamento, como veremos mais adiante. Religião muçulmana e descendência árabe foram usados como termos sinônimos para explicar a tendência para o fechamento da comunidade dentro de si mesma.

Para os descendentes de árabes muçulmanos, e em menor proporção para os descendentes de árabes cristãos, principalmente no caso das mulheres, houve uma série de restrições que as limitava ao espaço familiar e doméstico, revelando uma forma de evitar o contato com o grupo nacional.

Essas jovens descendentes percebiam

que o peso das tradições dificultava o contato com outras pessoas, restringia as possibilidades de convivência e adaptação, limitava os espaços de trânsito, impedia levar uma vida mais semelhante às jovens não descendentes de árabes:

*"Eu e as minhas irmãs não queríamos muito mais que uma adolescente daquela época poderia querer... Passeios, diversão, amizades, paqueras, coisas simples e inoventas eram o mínimo que desejávamos... Só que se para nós isso não tinha nada de mais, para os meus pais isso era um sinal de perigo... Sinal de que poderíamos nos afastar do que eles pretendiam para nós: que nos mantivéssemos restritas ao nosso pequeno mundo de famílias árabes..."* **(Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração))**

Além da escola, único espaço não-árabe frequentado pelos descendentes, não havia a possibilidade de contato com outras instituições de cultura e lazer ou mesmo de um convívio através de festas, passeios ou viagens.

A possibilidade de diversão e lazer acabava se restringindo aos espaços, formais ou informais, criados pela própria comunidade, tais como clubes, templos religiosos, associações como alternativa de suprir essas necessidades dos descendentes, ao mesmo tempo em que se limitava o contato externo, tanto no caso de cristãos como no caso de muçulmanos.

No primeiro caso:

*"Outra coisa que os meus pais incentivavam era a convivência com pessoas da nossa origem... Além do contato entre familiares, parentes e vizinhos, nós também costumávamos participar das atividades culturais e recreativas organizadas pelo Clube da Juventude Ortodoxa..."*

*Eu participei de muitas festas, bailinhos, banquetes, além de passeios e piqueniques... Todos os jovens participavam como forma de preservar o contato e o relacionamento entre os descendentes de árabes..."* **Nazha Mouiakel Camis (Rede II - 2ª Geração)**

No segundo caso:

*"O meu pai, do ponto de vista da diversão e do lazer, só nos dava uma única opção: participar das reuniões da comunidade árabe. Tem um clube no Riacho Grande, onde as pessoas se reúnem todos*

*os domingos... É uma forma de manter a comunidade unida, fazer contato entre as pessoas e, principalmente, promover casamentos..."* **Salua Mohamad Abou Jokh (Rede I - 2ª Geração)**

A criação desses espaços alternativos de lazer e diversão restritos ao espaço da comunidade servia como compensação às restrições impostas, bem como uma forma de preservação das tradições e hábitos culturais. Do mesmo modo, essas formas alternativas eram incentivadas e aceitas pelos pais, uma vez que o que era estimulado era o convívio interno do grupo, o relacionamento entre os jovens descendentes, limitando as possibilidades de integração e restringindo as possibilidades de casamento:

*"Junto com primos e outros conhecidos árabes, formamos um grupo que se reunia nos finais de semana, cada vez na casa de um, para conversar, jogar baralho, dançar, tocar durbak, que é um instrumento musical árabe, enfim, todo tipo de coisa que outras pessoas faziam, só que no nosso caso tínhamos em comum o fato de ser de uma mesma comunidade..."*

**Lamia Mustapha Rajab (Rede I - 2ª Geração)**

Através desse lazer interno ao grupo, os jovens viam supridas suas necessidades de diversão, ao mesmo tempo que os pais conseguiam manter seus filhos restritos aos espaços familiares e da comunidade, incentivando o convívio entre os da mesma origem e mantendo-os afastados de jovens de outras nacionalidades.

Essas imposições e restrições foram avaliadas de duas formas por esses descendentes. No primeiro caso se reconhecia que houve um enrijecimento desses costumes pois o modo de vida que os imigrantes pretendiam passar aos filhos era aquele que haviam trazido de seu país, na forma e na proporção em que eles próprios haviam sido educados. Portanto, houve uma cristalização desses costumes e um fechamento para as mudanças:

*"Eu acho que meus pais não evoluíram no tempo e não souberam se adaptar a uma nova forma de vida... Quiseram nos educar da mesma forma que eles foram educados, entendeu? Só que eles não perceberam que os tempos tinham mudado e que eles estavam em outro país com uma*

*cultura bastante diferente.*” **Salua Mohamad Abou Jokh (Rede I - 2ª Geração)**

No entanto, esse fechamento também era compreendido de outra forma, abrindo mais um espaço para discussão, referente à questão do casamento:

*“Era um grande problema para eles imaginar que pudessemos optar por sair desse meio, criar amizades e, o pior de tudo, acabar nos casando com alguém que não fosse da mesma descendência que a nossa... Isso era realmente o terror a ser evitado a qualquer custo!”* **Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração)**

Tanto no caso dos cristãos como no caso dos muçulmanos havia a preferência pela continuidade do casamento dentro do grupo e da religião, como forma de preservação do modo de vida em país de imigração. Tal imposição era compreendida e quase sempre aceita por esses descendentes como forma de não se contrapor às exigências paternas, evitar-se conflitos familiares, não provocar rupturas em projetos rigidamente consolidados.

A obrigação dos casamentos internos foi sentida como um grande peso para esses filhos de árabes que não se viam encorajados a romper com essa estrutura. Quando isso ocorria, era mais comum que a iniciativa partisse dos filhos, uma vez que a própria autonomia econômica alcançada representava também uma autonomia de decisões:

*“Eu tive dois primos que desafiaram a família, bateram o pé, brigaram com Deus e todo mundo mas se casaram com moças que não eram da comunidade, como os meus irmãos fizeram mais tarde... Para eles era mais fácil porque eram homens, podiam desafiar a todos, sair de casa e cuidar do próprio nariz... Mas o que eu e qualquer moça daquela época podíamos fazer?”* **Nazha Mouiakel Camis (Rede II - 2ª Geração)**

Uma vez que a ruptura era algo difícil de ser conquistado, a acomodação aos costumes impostos acabava ocorrendo em maior proporção e os casamentos internos eram incentivados e aceitos.

Para a segunda geração, apresentavam-se as mesmas perspectivas da escolha de um parceiro: ou entre membros da família e da comunidade aqui estabelecidos ou

através da busca de um companheiro na terra de origem dos pais, refazendo-se o mesmo caminho anteriormente trilhado.

A primeira opção era a mais desejada e a mais incentivada, como forma também de se buscar o estreitamento dos laços familiares. Casamentos entre primos ou aparentados que ocorreram na primeira geração também foram realidade para a segunda geração, selando alianças e mesmo compromissos anteriormente estabelecidos:

*“Pude reencontrar amigos e parentes (...) e, principalmente, rever o meu primo Omar, um antigo amor de infância... Em três meses morando aqui acabamos nos casando... Namoramos na infância, eu rodei o mundo e ele casou, teve filho e se separou... Depois de tanto tempo nos unimos novamente!”* **Salua Mohamad Abou Jokh (Rede I - 2ª Geração)**

Quando os casamentos entre os membros que viviam aqui tardavam a acontecer, ocorria o incentivo dos pais para se buscar o parceiro em seu país de origem. Essas viagens tinham seus motivos implícita ou explicitamente colocados e, no caso das mulheres, era apontado como única alternativa para as que tiveram dificuldades para efetivar o casamento no Brasil e já se encontravam além da idade que lhes permitisse ainda fazê-lo (de acordo com a concepção desse grupo).

Portanto, a terra dos pais passa a ser visitada com o objetivo de também se buscar um casamento:

*“Durante a minha estadia [no Líbano], eu conheci também pessoas maravilhosas, inesquecíveis e, entre elas, o meu marido...”*

(...)

*Nós nos conhecemos, nos interessamos um pelo outro e, em dois meses, eu já tinha certeza que era aquilo que eu queria...”* **Lamia Mustapha Rajab (Rede I - 2ª Geração)**

Mesmo com intenções tão explícitas, nem sempre as imposições de um casamento arranjado eram aceitas, e burlar as redes que se compunham para evitá-lo era uma solução encontrada:

*“Eu, particularmente, tinha ido com o único propósito de passear e conhecer a terra dos meus pais... Talvez - ou melhor, certamente - o desejo da minha mãe era que eu arranjasse um casamento e muitos*

*parentes agiram nesse sentido (...)* Cada vez que alguém me convidava para me apresentar um pretendente eu sempre dava um jeito de escapar, porque realmente eu me sentia mal com essa situação.” **Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração)**

Da mesma forma, o caminho inverso também era percorrido, reeditando-se mais uma possibilidade criada pela primeira geração: escolha de uma noiva aparentada que era trazida para o Brasil com o propósito único de realização do casamento, concretizando antigos acordos:

*“Desde crianças o nosso casamento já tinha sido acertado... A minha avó materna tinha feito essa escolha, porque eu era a mais velha das netas e o Ali o mais velho dos netos... Chegamos a nos ver uma única vez antes do casamento, quando o Ali foi para o Líbano aos dez anos de idade, mas éramos apenas duas crianças...”*

**Jamile Mustafa Kadri (Rede I - 2ª Geração)**

Do ponto de vista masculino, tais uniões eram consideradas a melhor alternativa para a manutenção institucional do casamento, pela facilidade de convívio entre os cônjuges, devido à origem em comum e o partilhar da mesma cultura, o que facilitaria posteriormente a criação dos filhos.

Embora haja uma certa abertura para se compreender e aceitar casamentos que possam vir a ocorrer fora da comunidade, os casamentos internos são os mais privilegiados, alegando-se a facilidade de convívio, argumento outrora utilizado pelos pais na justificativa de seus casamentos:

*“...não me arrependo desse casamento, porque a mulher árabe tem uma educação muito diferente da mulher brasileira... A mulher árabe tem por princípio a obediência ao marido e o zelo à família... Elas são mais submissas, aceitam mais facilmente as dificuldades do casamento e acreditam que é uma relação para sempre...”* **Mohamad Nassib Saleh Kadri (Rede I - 2ª Geração)**

Apesar do sucesso na transmissão dos valores e das vantagens de um casamento interno, rupturas ocorreram, não sem ter vindo acompanhadas de arrependimentos, dúvidas, sofrimentos e responsabilidades. A ruptura nessa tradição significava uma grande desarticulação de uma estrutura familiar detalhadamente construída e o

afastamento de um projeto conjunto.

Uma relação mista foi avaliada como um fracasso desde o princípio e as causas do insucesso consideradas em relação às diferenças de origem cultural entre os parceiros:

*"Eu acho que eu estraguei praticamente a vida da família toda com essa minha decisão... Essa situação é muito mais terrível do que alguém que está do lado de fora possa imaginar... O meu pai morreu sem que eu tivesse o perdão dele por esse meu casamento e não sei até se não fui eu que apressei sua morte com tanta mágoa e decepção..."* **Mansur Hanna Khamis (Rede II - 2ª Geração)**

O que acabou por prevalecer foi uma tentativa de realização de casamentos internos ao grupo, como forma de preservação das estruturas familiares e culturais no novo país a partir da continuidade dos projetos estabelecidos para a segunda geração. As rupturas levavam ao reforço da sensação de fracasso e de ter falhado diante do grupo.

### **TERCEIRA, QUARTA... TANTAS OUTRAS GERAÇÕES**

Com o incentivo aos casamentos que procuravam limitar o contato com o meio externo numa tentativa de preservação cultural, resta-nos analisar como ocorreu ou vem ocorrendo essa mesma transmissão cultural da segunda para a terceira e quantas gerações, ou seja, para os netos e bisnetos de imigrantes árabes vivendo aqui no Brasil.

Interessa-nos verificar o que foi preservado das tradições culturais, o que tem sido transmitido de geração em geração, em que grau de importância e qual o peso que esses valores têm tido para os mais jovens descendentes.

Pelos relatos pode-se notar que há uma preocupação em se retransmitir os valores recebidos pela segunda geração aos próprios filhos, mas o que se pode verificar é um afrouxamento dessa necessidade e importância e mesmo da rigidez das imposições.

A segunda geração, criada em outro país, reeditou esses projetos familiares de seus pais em relação à continuidade, à permanência e à manutenção das estruturas

culturais, mas não apenas como cópia fiel dos projetos impostos a eles.

O que vem ocorrendo é uma busca de adaptação da continuidade desse projeto pela segunda geração à nova realidade, transferindo-se seus próprios sonhos não concretizados aos filhos, reunindo em seus relatos um misto de necessidade de manutenção dos costumes, carregados de uma certa carga de frustração do que a imposição desses costumes tenha significado a eles próprios:

*"... Eu sempre penso que com meus filhos eu pretendo ser muito diferente do modo como os meus pais foram comigo... Não quero ser uma mãe rígida, autoritária, severa... Quero ser uma amiga que orienta e adverte, dá liberdade mas sempre cuidando muito... Uma amiga que o filho pudesse contar a qualquer hora..."* **Salua Mohamad Abou Jokh (Rede I - 2ª Geração)**

Há uma grande consciência que à terceira geração não se pode impor os mesmos padrões impostos à segunda geração, pois a realidade do convívio diário cada vez mais se distancia do mundo fechado criado pela comunidade.

A preocupação acaba sendo centrada nas possibilidades de transmissão de certos costumes e valores de forma não tão rígida e categórica, mas antes como um complemento da formação desses jovens, como parte da rede de conhecimentos desse universo que se torna cada vez mais multicultural:

*"A única coisa que eu tento passar para eles [os filhos] é a nossa origem... Alimentação, música, dança, religião, a língua... mas não de maneira tão categórica como me foram passados... Não dá mais para ser assim!..."* **Noah Osman Turk (Rede I - 2ª Geração)**

*\* Samira Adel Osman é Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo.*

### **NOTAS**

1. O estudo de famílias imigrantes árabes, que se fixaram especificamente em São Paulo, a partir da década de 50, foi tema de minha Dissertação de Mestrado, sob o título "Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: História Oral de Vida Familiar", apresentada no Dpto. de História da FFLCH/USP, em julho de 1998. Nesse trabalho, utilizou-se a técnica de História Oral, a partir da qual foram estabelecidas duas re-

des de imigrantes, de árabes muçulmanos e de árabes cristãos, levando-se em conta o critério geracional. Tal opção deveu-se à necessidade de analisar um mesmo grupo migratório que se dividiu e se diferenciou a partir da questão religiosa, considerando como esse aspecto facilitou ou dificultou a adaptação e a integração dos imigrantes e seus descendentes na nova pátria.

2. Rede é uma subdivisão de uma colônia (comunidade que define o tema do trabalho) que determina os critérios na seleção de entrevistados. Em nosso caso, os imigrantes árabes se constituem na colônia, enquanto a sua divisão em grupos religiosos (cristãos e muçulmanos) define as redes. Nesse trabalho, definimos Rede I como a rede de muçulmanos e a Rede II como a rede de cristãos, também divididas em 1ª e 2ª Geração - respectivamente, os imigrantes e os filhos de imigrantes.

### **BIBLIOGRAFIA**

- BOM MEIHY, José Carlos Sebe  
(1996) *Manual de História Oral*. São Paulo, Loyola.
- COWAN, Neil e COWAN, Ruth S.  
(1989) *Our parents' live: the americanization of Eastern European Jews*. USA, Basic Books.
- FAUSTO, Boris  
(1991) *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo, Editora Sumaré/IDESP.
- FAUSTO, Boris  
(1997) *Negócios e ócios. Histórias da Imigração*. São Paulo, Companhia das Letras.
- HAJJAR, Claude Fahd  
(1985) *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo, Ed. Icone.
- KLICH, Ignacio  
(1992) "Criollos and Arabic Speakers in Argentina: an uneasy Pas de Deux, 1888-1941". In: HOURANI, Albert and SHEHADI, Nadim. *The Lebanese in the world: a century of emigration*. London, The Centre for Lebanese Studies.
- LESSER, Jeff  
(1992) "From pedlars to proprietors: Libanese, Syrian and Jewish immigrants in Brazil". In: HOURANI, Albert and SHEHADI, Nadim. *The Lebanese in the world: a century of emigration*. London, The Centre for Lebanese Studies.
- PRECIADO MARTINS, Patricia  
(1992) *Songs my mother sang to me: an oral history of mexican-american women*. USA, The University of Arizona Press.
- SEYFERTH, Giralda  
(1988) "Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia". *Boletim Informativo Bibliográfico*, nº 25.
- TRUZZI, Oswaldo  
(1993) *Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo*. UNICAMP, tese de doutorado.